

A Unidade de Análise e Descrição Lexicográficas¹

ÁLVARO IRIARTE SANROMÁN
(Universidade do Minho)

«The meanings of the parts constrain, but not provide, the interpretation of the whole.»

(Lakoff, 1977: 239)

1. Da mesma maneira que não usamos uma pipeta para medir a água necessária para cozer o arroz da refeição, ou uma régua para medir a área de uma quinta, também, ao estabelecer as unidades em linguística, devemos saber em primeiro lugar o que é que queremos medir com essas unidades. Em linguística, como em qualquer outra disciplina, não se podem estabelecer unidades em termos absolutos. A operação de estabelecer os limites superiores ou inferiores das unidades com que fragmentamos o *continuum* linguístico não será mais do que uma convenção, que dependerá do marco teórico em que o investigador se situe², dos recursos com que conta ou dos propósitos para que tal investigação é realizada, pelo que será

¹ Utilizaremos neste trabalho os seguintes símbolos e convenções:

- * = agramatical, não aceitável;
- ? = duvidoso (gramatical ou pragmaticamente);
- # = impropriedade pragmática;
- ^Pleite = lema (do português);
- ^Eleche = lema (do espanhol);
- ^Pleite = um lexema dado (português);
- ^Eleche = um lexema dado (espanhol);
- ^Pleite gordo = uma unidade lexicográfica dada (português);
- ^Eleche entera = uma unidade lexicográfica dada (espanhol).

² Alcaraz Varó recolhe a experiência de W. Chafe, quem

«en los años sesenta, cuando llevaba a cabo la descripción estructuralista de una lengua amerindia, hizo acopio de muchos datos que luego guardó, porque pensó que eran muy valiosos; como más tarde cambiaron sus teorías lingüísticas básicas, se encontró con que aquel

possível fazer-se análises com graus diferentes de detalhe e até mais do que uma análise correcta (Lakoff, 1977: 246-247).

A maior parte das vezes, as estruturas linguísticas parecem manifestar um carácter holístico ou não composicional, em que a totalidade não é, ou não é só, a soma das partes que a compõe e que a análise das partes não é suficiente para entender a totalidade, tal como nos ensina a teoria da *Gestalt*.

Reduzir as unidades lexicais e lexicográficas à palavra, ou até a unidades inferiores como o monema, obedece a uma concepção atomística da linguagem (uma palavra, um significado) dominante em todas as áreas da linguística moderna, e nomeadamente na semântica e na lexicografia, que entendem o significado como estando permanentemente ligado a uma palavra, independentemente dos contextos situacionais e dos co-textos linguísticos ou estruturas em que ocorrem as palavras, esquecendo, paradoxalmente até dentro do paradigma estruturalista, que o sentido de qualquer lexema inclui tanto as relações sintagmáticas como as paradigmáticas (Lyons, 1995: 125).

Ignorar o facto de que as relações sintagmáticas estabelecidas entre as palavras no contexto linguístico fazem parte do significado das mesmas conduzirá a análise lexicológica estruturalista a entender um enunciado como uma combinação de elementos discretos (as palavras, os monemas) e, conseqüentemente, a erros, com importantes conseqüências lexicográficas, como a divisão do significado dum determinada colocação em sememas que posteriormente serão atribuídos às palavras individuais (Corpas, 1995: 140-141).

Afortunadamente, nos estudos semânticos e lexicológicos, está-se a abandonar tal concepção do significado lexical para voltar a uma visão mais “estrutural”³, entendendo aqui o adjectivo “estrutural” no sentido de *gestáltico* ou holístico.

Como sabemos, *sistema* ou *estrutura* são conceitos basilares, juntamente com o de *valor*, para a nova ciência linguística que nasce com o *Curso de linguística geral* de Saussure, onde o conceito de *sistema* é entendido num sentido claramente *gestáltico*:

«Uma unidade como *caloroso* decompõe-se em duas subunidades (*calor-oso*), mas não se trata de duas partes independentes encostadas simplesmente uma à outra (*calor + oso*). É um produto, uma combinação de dois elementos solidários, cujo valor provém da sua acção recíproca numa unidade superior (*calor × oso*)» (Saussure, 1992: 214-215).

«... o valor do termo total nunca é igual à soma dos valores das partes: *per × eira* não é

material no le servía porque estaba recogido según una concepción teórica en la que ya no creía o que era totalmente irrelevante para su investigación.» (Alcaraz, 1990: 19).

³ «Recent approaches have tended to abandon the more ‘atomistic’ view of word meaning and instead attempt to be ‘systematic’ or ‘structural’, studying lexical items in their mutual relation. However, this theoretical reorientation has not lead to a drastic change in lexicographical practice.» (Martin, Al & van

igual a *per + eira* » (*idem*, 221).

Com efeito, as unidades lexicográficas não podem ser concebidas exclusivamente como sendo unidades atómicas ou indivisíveis que conformam níveis superiores, mas sim entidades que se caracterizam por:

- 1) terem um carácter variável;
- 2) não serem necessariamente composicionais;
- 3) não possuírem um carácter discreto, mas gradual e contínuo;
- 4) não serem independentes do contexto em que ocorrem;
- 5) não poderem ser descritas completamente pelas regras gerais da gramática⁴.

2. Esta concepção atomística da linguagem levou a afirmar que determinadas denominações numa língua poderiam não ter equivalência exacta noutros idiomas pelo facto de não se utilizarem as mesmas unidades para fazer tal denominação (*vd.* Werner, 1982a: 29-30). Isto seria como afirmar que, numa língua, não se pode “dizer” ou “expressar” determinada coisa, quando o que acontece é não coincidirem formalmente as unidades utilizadas para realizar tal acto de denominação (de selecção do referente).

Isto é evidente nos casos de vaguidade, não especificação ou indeterminação semântica (Silva, 1997: 575-576). Um exemplo muito estudado na semântica é o dos nomes que exprimem relações de parentesco: enquanto determinadas línguas, como o latim, distinguem entre ‘irmão do pai’ (*patruus*), ‘irmão da mãe’ (*avunculus*), ‘irmã do pai’ (*matrtera*) e ‘irmã da mãe’ (*amita*), outras, como as línguas românicas modernas, só têm dois termos. Isto é, os termos ^Ptio e ^Ptia e os seus equivalentes nas línguas românicas são vagos relativamente a estas especificações, utilizando, caso for necessário fornecer tais especificações neutralizadas (Silva, 1997: 575) nos termos das línguas românicas, as expressões ^Ptio *paterno*, ^Ptio *materno*, ^Ptia *paterna* e ^Ptia *materna*.

Sterkenburg, 1983: 82).

⁴ Podemos considerar as unidades lexicográficas como sendo o que Lakoff (1977: 246-247) denominou *Gestalts*, ou *estruturas gestálticas*. Destacamos algumas das propriedades destas estruturas enumeradas pelo autor (*ib.*):

- são ao mesmo tempo holísticas e analisáveis: são constituídas por partes, mas a totalidade não é redutível às partes;
- podem ser analisáveis em partes, mas podem fazer-se análises com graus diferentes de pormenor e até mais do que uma análise correcta, dependendo do ponto de vista, dos recursos, dos propósitos, etc.;
- as diferentes partes que as integram podem estabelecer relações internas de diferentes tipos;
- as *Gestalts*, ou alguma das suas partes, podem estabelecer diferentes tipos de relações externas ou associações com outras *Gestalts* ou com partes de outras *Gestalts*;
- determinadas propriedades das *Gestalts* podem ser destacadas como propriedades de fundo;
- uma *Gestalt* pode ser definida pelo facto de ser o contrário de outra *Gestalt*; *Gestalts* contrárias ou opostas compartilharão as mesmas propriedades.

Embora se possa afirmar que, em princípio, qualquer conceito de qualquer língua é traduzível, lexical ou gramaticalmente, noutra língua, é inegável a dificuldade para traduzir⁵, ou às vezes até parafrasear, alguns exemplos extremos, como as frases espanholas:

^E*Los cristales de la ventana están hechos de vidrio:*

^P**Os vidros da janela estão feitos de vidro,*

devido ao valor genérico que a palavra ^E*cristal* tem em espanhol; ou aspectos gramaticais característicos de uma determinada língua, como a diferente informação transmitida nas duas frases seguintes pelo uso do tempo composto ou simples em espanhol:

^E*No hemos visto París / ^ENo vimos París*

em que no primeiro caso se entende que os sujeitos ainda podem ver Paris, dentro de determinados limites temporais, explícitos ou implícitos no contexto, e no segundo caso entende-se que já não têm possibilidade de ver Paris nesta ocasião; ou ainda o uso do verbo ^P*ir* na forma intransitiva (‘dirigir-se’) que, como escrevem Vázquez Cuesta & Mendes da Luz (1983: 521), «não tem o mesmo sentido de resolução violenta e definitiva» que na forma reflexa (‘ir-se embora’, ‘partir’):

^P*António foi para o mato / ^PO pai foi-se para o mato e as crianças ficaram abandonadas (ib.).*

Trata-se nestes casos também de fenómenos de vaguidade semântica em que não são dadas ou são

⁵ A dificuldade de tradução de termos como, por exemplo, ^E*vaso*, ^E*copa*, ^E*taza*, ^E*jarro*, ^E*cuenco* vs. ^P*copo*, ^P*taça*, ^P*cálice*, ^P*chávena*, ^P*caneca*, ^P*tigela* é uma prova da diferente categorização deste tipo de objectos em espanhol e em português:

^E*Cuando pongas la mesa, a la niña ponle un vaso mejor que una copa:*

^P**Ao pores a mesa, à menina põe-lhe um copo melhor do que um copo.*

Outros exemplos podem ser os termos portugueses ^P*café*/^P*bica*/^P*cimbalino*, ^P*café curto*, ^P*café comprido*, ^P*pingo*/^P*garoto*, ^P*pingo directo*, ^P*pingo normal*, ^P*meia de leite*, ^P*galão*, ^P*café com leite* ou os espanhóis ^E*café*, ^E*café solo*, ^E*café cortado*, ^E*café con leche*, ^E*café con leche doble* (vd. *infra* capítulo 6º). Contudo, e apesar desta divergência na conceptualização destes objectos, os problemas de equivalência, duma maneira geral, ficam resolvidos co-textual ou contextualmente:

^E*vaso/copa de agua = ^Pcopo de água*

^E*vaso/copa de vino = ^Pcopo de vinho*

^E*copa de champán = ^Ptaça de champanhe*

^E*copa/copita de oporto = ^Pcálice de porto*

^E*taza de leche = ^Pchávena de leite*

^E*taza/tazita de café = ^Pchávena/xícara de café*

^E*jarra de cerveza = ^Pcaneca de cerveja*

^E*cuenco de leche con cereales = ^Ptigela de leite com cereais.*

neutralizadas (Silva, 1997: 575) algumas especificações léxico-semânticas ou gramaticais na outra língua⁶.

Pode acontecer, como se sabe, que um conceito seja verbalizado (intensionalizado ou actualizado linguisticamente) em duas línguas ora lexicalmente (através de unidades lexicais, sejam elas palavras ou combinações de palavras) ora gramaticalmente (através de sintagmas, orações, etc.). Assim, para tomar um exemplo de Whorf (1958: 216), já clássico⁷ na lexicologia estruturalista, o que para o povo esquimó será intensionalizado, ou, se se quiser, lexicalizado, através de lexemas, em português será intensionalizado por meio de sintagmas (combinações lexicais) que poderão ser, por hipótese, ^P*neve no chão*, ^P*neve a cair* ou ^P*direcção da neve*.

Como é óbvio, num dicionário bilingue, a forma da unidade lexicográfica da língua de partida pode não coincidir com a forma da unidade lexicográfica da língua de chegada, pois o mesmo “conceito” poderá ser verbalizado, intensionalizado, nas duas línguas de forma diferente.

Do ponto de vista lexicográfico, e nomeadamente do ponto de vista dos dicionários orientados para a codificação, o problema continua sem se resolver se optarmos por utilizar o lexema (cada uma das acepções bem delimitadas de uma palavra) como unidade lexicográfica. Pensamos que esta solução não ultrapassa novamente a concepção atomística da linguagem, estabelecendo-se agora a relação: um lexema => um conceito. Poderão ficar talvez resolvidos alguns problemas de polissemia e de homonímia, mas não fenómenos que, precisamente pelo seu carácter irregular, só poderão ser estudados no âmbito do dicionário. Por exemplo, alguém poderia construir combinações de unidades lexicais, do tipo ^P**leite desnatado*⁸ (por ^P*leite magro*), que seriam correctas tanto do ponto de vista sintáctico e semântico-intensional, dado que não vai contra qualquer restrição de tipo sintáctico ou imposta pelos traços semânticos dos lexemas combinados, como do ponto de vista da semântica extensional, porque as relações que se estabelecem entre os referentes

⁶ Contudo, sempre existe a possibilidade de, perante um equivalente não marcado na L2, de marcar a tradução noutra lugar do texto. Mas estas questões de equivalências textuais já são problemas de tradução e da ciência do texto que ultrapassam, em parte, os limites da lexicografia.

⁷ Sobre a aparente abundância de termos para exprimir a ideia de ‘neve’ em esquimó, escrevem Hutchins & Somers (1995: 154): «De hecho, se trata de uno de los grandes mitos de la lingüística; en realidad existen sólo dos palabras que expresan la idea de ‘nieve’ en esquimal (*qanik*, para significar ‘nieve en el aire’, y *aput* para significar ‘nieve en el suelo’).».

Devemos sempre considerar com reserva exemplos que se afastam de forma excessiva dos modelos a que estamos habituados, ou tirados de “línguas exóticas”, muitas vezes deturpados devido a uma transmissão indirecta. Cf., por exemplo, a leitura que alguém desconhecedor da língua portuguesa pode fazer das palavras de Bosque (1982: 109) que a seguir transcrevemos:

«Es interesante recordar que algunas lenguas, como el portugués, no poseen nombres específicos para los días de la semana, y que otras, como el chino, carecen de nombres para los meses del año. En tales idiomas se hace referencia al número que ocupa en la serie la unidad que se desea identificar.»

⁸ Cf. o espanhol *Leche desnatada*.

(ou entre os conceitos) são perfeitamente coerentes.

Para dar conta destas combinações irregulares do léxico, em lexicografia será útil distinguir entre unidade lexical e unidade lexicográfica, entendida, esta última, como a aceção claramente delimitada de uma palavra ou grupo de palavras, independentemente de elas serem interpretadas pela lexicologia como sendo combinações restritas (^P*ódio mortal*) ou combinações livres (^E*caja de cervezas*), desde que sejam produto de uma estrutura preferente e diferenciada e/ou, no caso dos dicionários codificadores bilingues, desde que na L2 correspondam a lexemas (^E*llevar la contraria*: ^P*contrariar*) ou combinações restritas de lexemas (^E*caja de cervezas*: ^P*grade de cervejas*). Assim, como vimos, serão também unidades lexicográficas diferentes aceções originadas pela combinação de uma palavra com outras, proporcionando-se desta maneira informação importantíssima para a codificação linguística⁹:

^P <i>espalhar a desolação</i> :	^E <i>sembrar la desolación</i>
^P <i>espalhar a notícia</i> :	^E <i>esparcir la noticia</i>
^P <i>espalhar as ideias</i> :	^E <i>difundir las ideas</i>
^P <i>espalhar boatos</i> :	^E <i>propagar bulos</i>
^P <i>espalhar dinheiro</i> :	^E <i>repartir dinero</i>
^P <i>espalhar lágrimas</i> :	^E <i>derramar lágrimas</i>
^P <i>espalhar luz</i> :	^E <i>irradiar luz</i>
^P <i>espalhar o bofe</i> :	^E <i>hacer el ganso, esparcirse</i>
^P <i>espalhar-se (o rebanho)</i> :	^E <i>derramarse (el rebaño)</i>
^P <i>espalhar (o temporal)</i> :	^E <i>amainar el temporal</i>
^P <i>espalhar os olhos/a vista</i> :	^E <i>distraer la vista</i>
^P <i>espalhar suspiros</i> :	^E <i>exhalar suspiros</i>
^P <i>espalhar terror</i> :	^E <i>infundir terror</i>
^P <i>espalhar tristezas</i> :	^E <i>distraer las penas</i>
^P <i>espalhar um cheiro</i> :	^E <i>despedir un olor</i>
^P <i>espalharem(-se) as nuvens</i> :	^E <i>dispersarse las nubes</i>
^P <i>espalhar-se (num exame)</i> :	^E <i>pifiar, patinar (en un examen)</i>
^P <i>espalhar-se (o fogo)</i> :	^E <i>propagarse, comunicarse (el fuego)</i>
^P <i>espalhar (os papéis)</i> :	^E <i>esparcir los papeles</i>
^P <i>(rir e) espalhar</i> :	^E <i>esparcir el ánimo</i>
^P <i>espalhar (o grão)</i> :	^E <i>despajar (el grano)</i> .

É por isso que, contrariamente à prática lexicográfica moderna, não concordamos com a distribuição das diferentes unidades lexicográficas pluriverbais sob as diferentes aceções do lema, uma vez que, como se poderá constatar, nem sempre é possível fazer corresponder todas as unidades pluriverbais a cada um dos lexemas, o que, implicitamente, seria reconhecer que os diferentes sentidos que as palavras adquirem em combinação com outras seriam também aceções do lexema tomado isoladamente.

Com efeito, muitas vezes deparamos com o facto de os dicionários não só não registarem

⁹ Como vimos em § 4.5, do ponto de vista da síntese ou codificação linguística, é importante registar estas combinações lexicais, como unidades lexicográficas, na entrada correspondente à base da colocação (^P*desolação*, ^P*notícia*, etc.). Na entrada correspondente ao colocativo (^P*espalhar*), não ocorrerão como unidades lexicográficas, podendo aparecer eventualmente como exemplos das diferentes aceções da palavra ^P*espalhar*.

significados provenientes de combinações de palavras, mas também com o facto de considerarem como sendo uma acepção de uma palavra o que, em rigor, é o significado dessa palavra juntamente com outros elementos com os quais co-ocorre.

Como já adiantávamos em § 1, dividir o significado duma determinada colocação em sememas, que posteriormente são atribuídos às palavras individualmente (Corpas, 1995: 140-141), é um erro comum na análise lexicológica, com consequências na prática lexicográfica, produto do facto de se ignorar que as relações sintagmáticas estabelecidas no contexto linguístico entre as palavras fazem parte do significado das mesmas. Assim, por exemplo, Calderón (1994: 56) chama a atenção para o facto de que em expressões como ^E*le echaron diez años de cárcel* ou ^E*correr un gran riesgo* não são os verbos ^E*echar* e ^E*correr* tomados isoladamente os que significam ‘condenar’ e ‘estar exposto a perigos’, respectivamente, mas será a totalidade dos sintagmas a que actualizará a acepção ‘condenar’ do verbo ^E*echar* e a acepção ‘estar exposto a (perigos)’ do verbo ^E*correr*.

Assim, nos exemplos que a seguir apresentaremos com a palavra ^P*forte*, o significado não depende exclusivamente desta palavra isolada. Podemos constatar facilmente que a função do adjectivo ^P*forte* é atribuir o sentido de ‘intensidade’ ao nome que acompanha:

Tenho uma **forte dor** de dentes;
O curso tem, nos últimos meses, uma **forte componente** prática;
No final do caminho há uma **descida** muito **forte**;
A bolsa fechou com uma **forte descida**;
Prefiro as **cores fortes**, como o vermelho vivo, às pálidas;
O **café** estava tão **forte** que não consegui dormir
O **cozido** galego é muito **forte** para o estômago?;
Na cozinha havia um **cheiro** muito **forte** a gás;
De repente levantou-se um **forte vento**;
Esta noite caiu um **forte nevão**;
Tem cuidado que estes **comprimidos** são muito **fortes**;
Não abras a persiana que entra uma **luz** muito **forte**;
A oposição fez **fortes críticas** ao governo;
Tem uma **personalidade** muito **forte** e detesta ser contrariado;
Tem **fortes razões** para se demitir;
A notícia causou-me uma **forte impressão**;
É um **palavrão** muito **forte** em português;
E agora vem o **prato forte** do espectáculo.

Contudo, ‘intensidade’ não é tanto o hiperónimo de ^P*forte* para todos estes casos, como do sentido que exprime o adjectivo quando seleccionado pelos nomes das diferentes combinações. Para os substantivos que apresentámos é ^P*forte* o adjectivo seleccionado, mas outros substantivos (etc.) seleccionam adjectivos (etc.) diferentes para exprimir o mesmo sentido de ‘intensidade’, como, por exemplo, em português:

^P*vivo interesse*, ^P*erro crasso*, ^P*mudança radical*, ^P*obediência cega*, ^P*memória*

portentosa, ^Pmemória de elefante, ^Pdesejo ardente, ^Psucesso louco, ^Pvontade louca, ^Pchuvas torrenciais, ^Pfome canina, ^Pódio mortal, ^Pignorância supina, ^Pcomer como um abade, ^Precusar firmemente, ^Pconfessar abertamente, ^Pproibir terminantemente, ^Pacreditar piamente, ^Pchover a cântaros, ^Pchover torrencialmente, ^Pdormir como uma pedra, ^Ptrabalhar como um negro, ^Ptrabalhar como um galego, ^Pteimoso como uma mula, ^Pburro como uma porta, ^Psurdo como uma porta, ^Pfumador empedernido, ^Pferido grave, ^Pfeio como um bode, ^Pbêbado como um cacho, ^Pforte como um touro, ^Prápido como uma flecha.

Se todos estes adjectivos (etc.) estão a exprimir o sentido ‘intensidade’, poderemos então afirmar que tais adjectivos são sinónimos nestes sentidos seleccionados. É evidente que se poderia contestar o carácter sinonímico de muitos dos valores ou sentidos das palavras seleccionadas (= ‘intensidade’), como se pode contestar a existência de qualquer sinónimo ou antónimo, nomeadamente se entendermos que dois termos são sinónimos quando podem ser intercambiados sem produzir nenhuma alteração sintáctico-semântica.

Não entendemos aqui a sinonímia dessa maneira. No uso real e quotidiano da língua, podemos considerar que estamos perante sinónimos, ou, se se quiser, quase-sinónimos (novamente estamos perante uma questão de grau), a partir do momento em que duas palavras equivalentes se associam ao mesmo conceito. Seguindo Mel’chuk, Alonso Ramos (1993) escreve:

«Como señala Mel’chuk (1988a: 88), si nos obstinamos en buscar, no sólo no habrá sentidos idénticos sino tampoco dos pesos, longitudes o velocidades idénticas. No se utiliza la misma precisión al pesar los ingredientes de un medicamento que al pesar una bolsa de patatas. Sería absurdo pesar patatas en una balanza de farmacia. Por lo tanto, en muchas ocasiones, ser demasiado preciso es perjudicial. (Alonso Ramos, 1993: 31).

Contudo, isto não significa que qualquer um destes adjectivos (^Pforte, ^Pvivo, ^Pradical, ^Pmortal, etc.) tomado isoladamente signifique ‘intenso’ como encontramos na maior parte dos dicionários. O sentido ‘intenso’ do adjectivo ^Pvivo, por exemplo, só é actualizado quando co-ocorre com determinados substantivos, ou melhor, quando é seleccionado por determinados substantivos. Vejamos por exemplo, no *Porto Editora*¹⁰, algumas acepções que significam ‘intenso’ sob as entradas correspondentes a alguns dos adjectivos anteriores:

vivo, *adj.* que vive; (*fig.*) cheio de vivacidade; perspicaz; sagaz; ágil; travesso; buliçoso; engraçado; persistente; intenso; forte; marcado; visível; distinto; esperto; activo; diligente; apressado; agudo; afiado; ligeiro; ...

radical, *adj.* 2 *gén.* referente à raiz; essencial; fundamental; completo; profundo; decisivo; total; sectário do radicalismo; ...

¹⁰ ALMEIDA COSTA J. e A. SAMPAIO E MELO (1994): *Dicionário da Língua Portuguesa da Porto Editora*. 7ª edição, revista e ampliada. Porto: Porto Editora. [daqui para a frente: *Porto Editora*].

louco *adj.* que perdeu a razão; doido; alienado; demente; insensato; imprudente; doidivas; extraordinário; exagerado; ...

torrencial *adj.* 2 *gén.* referente às torrentes; que cai em torrentes; caudaloso; impetuoso; abundantíssimo; ...

mortal *adj.* 2 *gén.* sujeito à morte; que produz a morte; mortífero; fatal; perigoso; fígadal; transitório; profundo; ...

supino *adj.* superior; elevado; deitado de costas; que está no estado de supinação; (*fig.*) em alto grau; excessivo; ...

torrencialmente *adv.* em torrentes; caudalosamente; impetuosamente; em grande abundância. ...

grave *adj.* sério; importante; circunspecto; reservado; perigoso; intenso; duro; penoso; ...

Pensemos nas colocações portuguesas ^P*dar desculpas* e ^P*pedir desculpas*. Ao procurarmos num dicionário de português encontramos estes dois sentidos, 'perdão' e 'escusa', sob a entrada ^P*desculpa*:

desculpa [...] **1.** Ação ou efeito de desculpar(-se). **2.** Perdão, indulgência, absolvição. **3.** Escusa, justificação: *Apresentou desculpas por não poder ir ao banquete.* **4.** Pretexto, evasiva: *A doença que alegou para entrar em férias é pura desculpa: nunca o vi tão bem.* (Aurélio).

Mas, é evidente que os sentidos 'perdão' e 'escusa' da palavra só se actualizarão em combinação com os verbos ^P*dar* e ^P*pedir* respectivamente. Mais ainda: em rigor, não poderíamos atribuir estes sentidos à palavra ^P*desculpa* tomada isoladamente, mas às colocações ^P*dar desculpas* e ^P*pedir desculpas* e suas possíveis variantes.

Calderón (1994: 58) dá um exemplo ilustrativo com a expressão espanhola ^E*tener buen oído*. O autor regista, em vários dicionários de uso espanhóis, como aceção da palavra ^E*oído* 'aptidão para captar sons musicais', o que, em rigor, é o significado da totalidade da expressão ^E*tener buen oído*.

O exemplo é válido para o português, por isso, vejamos os diferentes tratamentos que a expressão ^P*ter bom ouvido* e a palavra ^P*ouvido* recebem em alguns dicionários portugueses:

ouvido, *s. m.* audição; aparelho de audição; acto ou efeito de ouvir; facilidade em fixar de memória peças musicais, ou em distinguir faltas de afinação; ... (Porto Editora).

ouvido. [Part. de *ouvir*] *S. m.* **1.** [...] **2.** [...] **3.** Aptidão para captar com relativa precisão sons musicais ou não, e de reproduzir aqueles sem o auxílio de partitura: *ter bom ouvido*. ... **4.** [...] • [...] **Ter bom ouvido**. Ter fácil percepção de sons, especialmente musicais. (Aurélio) ¹¹.

OUVIDO, *s. m.* um dos cinco sentidos [...]. **4.** [...] *Ter bom ouvido*, ter boa disposição do órgão do ouvido para perceber os sons, e especialmente os musicais. [...]. (Caldas Aulete) ¹².

ouvido, *m.* [...] Facilidade de fixar na memória peças musicais: *este aprendiz de música*

¹¹ FERREIRA, A. Buarque de Holanda (1986): *Novo Dicionário da Língua Portuguesa*. 2ª edição, revista e aumentada, 20ª impressão. Rio de Janeiro: Nova Fronteira. [de aqui para a frente: Aurélio].

¹² AULETE, F. J. Caldas (1987): *Dicionário da Língua Portuguesa Caldas Aulete*. 5ª edição brasileira, revista, actualizada e aumentada por Hamílcar de Garcia e Antenor Nascentes. Rio de Janeiro: Editora Delta. [de aqui para a frente: Caldas Aulete].

tem bom ouvido. [...] (Cândido) ¹³.

No *Porto Editora*, considera-se como sendo uma acepção da palavra *ouvido* o que, num contexto real se exprime pela locução ^P*ter bom ouvido*.

No caso do *Aurélio*, regista-se uma contradição, pois o mesmo significado ('aptidão para captar com relativa precisão sons musicais') é atribuído tanto à palavra *ouvido* como à expressão ^P*ter bom ouvido*, que aparece como locução no fim do artigo.

No é o caso do *Caldas Aulete*, que, como já indicava Rodrigues Lapa (Lapa, 1984)¹⁴, continua a ser o melhor dicionário do português quanto ao tratamento da combinatória lexical. Neste dicionário, regista-se este valor unicamente como locução.

Logicamente, o facto de o sentido 'aptidão para captar sons musicais' se realizar com a palavra ^P*ouvido* combinada com ^P*ter (bom)* não impede que, em determinados contextos, a expressão *ter bom ouvido* não possa ocorrer sob formas truncadas ou expandidas, como, aliás, acontece com grande número de unidades lexicais e de colocações:

^P*Onde está o detergente para a máquina [de lavar roupa]?;*

^P*Eu bebo sempre leite magro e as crianças, gordo.*¹⁵

São muitos os exemplos deste tipo em que o sentido que o dicionário dá a uma acepção determinada de uma palavra é, em rigor, o sentido dessa palavra combinada com outra ou outras.

Os exemplos de acepções figuradas cujo valor só é actualizado quando combinado com outros lexemas são abundantes. Vejamos uma pequena amostra de acepções registadas como figuradas no *Porto*

¹³ FIGUEIREDO, C. de (1982): *Dicionário da Língua Portuguesa*. 16^a Edição. Lisboa: Livraria Bertrand. [de aqui para a frente: *Cândido*].

¹⁴ «É precisamente neste capítulo da fraseologia, muito importante, que os dicionários correntes deixam mais a desejar. O mais celebrado de entre eles e o mais moderno dos grandes dicionários, o de Cândido de Figueiredo, é muito pobre em grupos fraseológicos, o que constitui um grave defeito, porque é nessas locuções que se imprime o chamado génio da língua. Como repositório de fraseologia, nada há que possa substituir entre nós o *Dicionário Contemporâneo* de Caldas Aulete.» (Lapa, 1984: 83).

¹⁵ Por isso, contra a opinião de quem defende que as colocações devem ser registadas só na base da colocação (neste caso, sob a entrada **leite**), defendemos a duplicidade da recolha, uma vez que, em determinados contextos, como o que acabamos de ver, o colocativo (*gordo*, por exemplo) poderá ocorrer sem ser em companhia da base da colocação.

Neste sentido, pode ser útil a distinção que Mckeown & Smadja (*apud* Aguilar-Amat, 1983: 128) fazem entre dois tipos de colocações:

«las que llaman “*compound collocations*” que se caracterizan por ser secuencias fijas de palabras, y las “*predicative collocations*”, más flexibles, que afectan a combinaciones que pueden ir separadas por otras palabras [...] y que pueden aparecer en cualquier orden dentro de la frase.»

Editora, no Aurélio ou no Caldas Aulete. Apresentamos a seguir a cada entrada um ou vários exemplos de colocações em que o lexema adquire tal suposto sentido figurado:

cabeça, *s. f.* [...] (*fig.*) autor; chefe; dirigente; capital; metrópole; frente de um cortejo; inteligência; tino; raciocínio; ... (PE): **cabeça de família**;

coração, *s. m.* [...] (*fig.*) sensibilidade moral; consciência; coragem; ânimo; valor; memória; amor; piedade; parte mais central; ... (PE): **coração da cidade, coração do país**;

semente, *s. m.* [...] (*fig.*) gérmen; causa; origem; ... (PE): **semente da discórdia**;

raiz, *s. f.* [...] **7.** Fig. Germe, princípio, origem. ... (A): **raiz do mal**;

reinar *s. m.* [...] (*fig.*) dominar; imperar; estar em voga; grassar; folgar; divertir-se; haver; existir; ... (PE): **reinar o silêncio, reinar o descontentamento**;

semear *v. intr.* [...] *v. tr.* (*fig.*) espalhar; disseminar; juncar; fomentar; propalar; ocasionar; fazer propaganda de; dar publicidade a; preparar o aparecimento de; ... (PE): **semear o descontentamento, semear a indignação, semear a inquietação**;

despertar *v. tr.* [...] (*fig.*) estimular; activar; dar origem a; ... (PE): **despertar a curiosidade**;

sufocar *v. tr.* [...] (*fig.*) reprimir; impedir; ... (PE): **sufocar a rebelião**;

banhar, *v. tr.* [...] || (Fig.) Meter num ambiente, envolver em qualquer fluido (próp. e fig.): Sítios banhados de ar, de luz. ... (CA): **banhar <o sol> os campos**;

brilhar, *v. tr.* [...] (*fig.*) mostrar-se; notabilizar-se. ... (PE): **brilhar a alegria [em]**;

manchar, *v. tr.* [...] (*fig.*) infamar; deslustrar. ... (PE): **manchar a honra, manchar a reputação**;

desmoronar, *v. tr.* [...] || Fig. Fazer cair, baquear: *Desmoronar* uma instituição. ... (CA): **desmoronar(-se) uma instituição**;

consumir, *v. tr.* [...] (*fig.*) mortificar; afligir; ... (PE): **consumir <a inveja> [alguém]**;

paralisar, *v. tr.* || Fig. Suspende, neutralizar enfraquecer: A crise monetária *paralisou* o comércio. Mas este imenso poder, em vez de se transformar...em força viva da civilização, serviu-lhe só para *paralisar* ou mutilar o desenvolvimento intelectual. (CA): **paralisar <o medo> [alguém]**;

febril, *adj.* 2 *gén.* [...] (*fig.*) exaltado; violento. ... (PE): **atividade febril**;

vivo, *adj.* [...] (*fig.*) cheio de vivacidade; perspicaz; sagaz; ágil; travesso; buliçoso; engraçado; persistente; intenso; forte; marcado; visível; distinto; esperto; (PE): **vivo interesse**;

ferrenho, *adj.* [...] (*fig.*) inflexível; duro; intransigente; decidido. ... (PE): **vontade ferrenha**;

figadal, *adj.* [...] (*fig.*) profundo; íntimo; intenso. ... (PE): **ódio figadal**;

brilhante, *adj.* 2 *gén.* [...] (*fig.*) célebre; excelente; pomposo; ... (PE): **orador brilhante, espírito brilhante, futuro brilhante**;

alto, **1.** *adj.* [...] (*fig.*) ilustrado; importante; soberbo; excessivo; caro; difícil; ... (PE): **alto conceito, altas qualidades, altas façanhas**;

seio, *s. m.* [...] (*fig.*) ventre, útero, coração, parte recôndita; ambiente; ... (PE): **no seio do partido, no seio do catolicismo**;

fundo, *Adj.* [...] *s m.* [...] **19.** Fig. Âmago, íntimo: fundo da alma. (A): **do mais fundo do coração, do mais fundo da alma;**

Mas os exemplos não têm de ser necessariamente sentidos etiquetados como sendo figurados:

mão, *ajuda; socorro; patrocínio; favor (PE): deitar uma/dar a mão a, precisar de uma mão;*

gana, *ódio; desejo de vingança (PE): ter gana a;*

falar, *Saber exprimir-se em algum idioma, especialmente estrangeiro (A): falar francês;*

levantar, *Fazer cessar; encerrar (A): levantar a sessão.*

Assim, e retomando o último exemplo, não faz sentido atribuir ao verbo ^P*levantar*, exclusivamente todas as acepções que aparecem no *Aurélio* sob este lema, olvidando que o sentido de cada uma delas vem dado (também) pelas relações sintagmáticas que este lexema estabelece com outros lexemas. Com efeito, pelo menos alguns dos significados de ^P*levantar* registados no *Aurélio* podem ser perfeitamente descritos como *levantar* + lexema:

- 4. e 29. Levantar [os olhos, o olhar, a vista] = ‘dirigir para o alto’
- 5. e 30. Levantar [um edifício, um monumento] = ‘erigir, edificar’
- 6. Levantar [a bandeira] = ‘hastear, içar’
- 10. Levantar [os preços] = ‘aumentar’
- 12. Levantar [a voz] = ‘aumentar o volume’
- 15. Levantar [dinheiro] = ‘obter’
- 16. Levantar [o ânimo] = ‘entusiasmar’
- 19. levantar [a sessão] = ‘encerrar’
- 20. Levantar [uma candidatura] = ‘propor, lançar’
- 21. Levantar [um prémio] = ‘conquistar’
- 24 e 25. Levantar [um plano, um mapa] = ‘realizar, traçar’
- 26. Levantar [a caça] = ‘fazer partir’
- 27. Levantar [a letra] = ‘apanhar, compor’
- 28. Levantar [o gado] = ‘tirar, levar’
- 29. Levantar [o pensamento] = ‘alçar’
- 32. Levantar [alguém] [rei] = ‘eleger, aclamar’
- 33. Levantar <as ondas> = ‘altear-se, erguer-se’
- 42. Levantar-se <um temporal> = ‘desencadear-se’
- 43. Levantar-se <o sol> = ‘surgir, aparecer’
- 44. Levantar-se <um candidato> = ‘reabilitar-se’¹⁶

¹⁶ Aos quais podemos ainda acrescentar:

- Levantar [acta] = ‘lavar, redigir uma acta’
- Levantar [um processo] = ‘interpor, entrar em juízo com’
- Levantar [ferro] = ‘zarpar’
- Levantar [âncora] = ‘zarpar’
- Levantar [calúnias] = ‘difamar’
- Levantar [falso testemunho] = ‘caluniar, difamar’
- Levantar [o cerco] = ‘retirar as tropas que cercavam uma praça forte’
- Levantar [cabeça] = ‘prosperar’
- Levantar [a mão] (a, contra) = ‘ameaçar’

Uma estrutura semelhante, que inclua as relações sintagmáticas na conformação dos significados, deveria ser, de facto, o formato ideal de qualquer dicionário de sinónimos, uma vez que não é de todo correcto falar em “significados” das palavras: há muitos sentidos que se concretizam nas relações lexicais sintagmáticas.

3. A unidade lexicográfica virá determinada tanto co-textualmente como pragmática e contextualmente. O sentido de uma acepção de uma palavra ou grupo de palavras poderá ser aclarado ou delimitado pelo universo do discurso ou marco de referência (referencialmente), pelo contexto (pragmaticamente) ou pelas restantes unidades lexicais que, juntamente com esta palavra, conformam o sintagma (morfo-sintacticamente ou co-textualmente), o que equivale a dizer que a unidade lexicográfica (assim como também a unidade lexical), em grande medida, será determinada pragmática e referencialmente¹⁷.

Uma unidade lexicográfica será um *termo* que corresponderá a um *conceito*, reconhecido e fixado culturalmente (Pawley & Syder, 1983: 191). Este termo poderá ser uma palavra simples, uma palavra derivada, uma palavra composta, uma sigla, um acrónimo, uma abreviatura, uma forma ou sintagma abreviado ou um nome próprio e também um sintagma, desde que denomine globalmente (holisticamente) um único conceito. Poderá ser, portanto, qualquer fragmento do discurso com capacidade para seleccionar um referente, mas com uma restrição para o caso da co-ocorrência lexical: que venha determinada pelo contexto (contexto sintagmático) ou por contextos situacionais pragmaticamente “marcados”, isto é, que seja um produto das relações que se estabelecem entre as formas, e não exclusivamente das relações que se estabelecem entre os referentes:

Levantar [o moral] = ‘animar, encorajar’
Levantar-se <o vento, a brisa> = ‘desencadear-se, começar’
Levantar [armas] = ‘sublevar-se’
Levantar [pó, poeira] = ‘produzir, provocar’
Levantar [suspeitas] = ‘provocar desconfiança’
Levantar [voo] = ‘elevar-se, começar a voar’
Levantar [um império] = ‘criar, fundar’
Levantar (alguém) contra = ‘exaltar, sublevar’
Levantar [uma pena, uma proibição] = ‘suprimir’
Levantar [um acampamento] = ‘desmontar algo instalado’
Levantar [o baralho] = ‘Cortar, dividir’
Levantar <as nuvens, o nevoeiro> = ‘aclarar’
Levantar [um exército] = ‘recrutar gente’
Levantar-se [uma montanha] = ‘elevar-se’

¹⁷ A característica comum que define as lexias como unidades é, surpreendentemente, de tipo semântico-referencial:

«Leurs caractéristiques communes consistent dans le fait qu’ils sont enregistrés dans le lexique, partie intégrante de la conscience linguistique qui embrasse toutes les unités dénominatives, désignant les phénomènes de la réalité objective. Le lexique embrasse donc l’ensemble des mots au moyen desquels les membres d’une communauté linguistique communiquent entre eux» (Klare, 1986: 178).

«[...] nos parece interesante establecer una diferencia entre las combinaciones que ocurren porque la realidad las dicta y las combinaciones que son producto de una estructura preferente de una determinada lengua. Las primeras tratan de las relaciones entre los “referentes”, mientras que las segundas son relaciones entre formas.» (Aguilar-Amat, 1993: 23).

A unidade lexicográfica corresponderá à intensionalização linguística do conceito ou noção, pelo que, em princípio, poderá ser qualquer fragmento do discurso pelo simples facto de globalmente fazer referência a um conceito diferenciado, reconhecido e fixado culturalmente (de seleccionar um referente, uma coisa, num *universo do discurso*).

Este fragmento do discurso poderá ser um lexema, um frasema, uma colocação ou outras combinações sintagmáticas, desde que denominem globalmente um único conceito, assim como, no caso da lexicografia bilingue, algumas combinações lexicais livres, desde que sejam produto de uma estrutura preferente e diferenciada de uma das duas línguas, ou simplesmente, desde que corresponda a um conceito intensionalizado na outra língua em forma de lexia¹⁸, como por exemplo: ^P*dia de anos* = ^E*cumpleaños*; ^P*pré-pagamento* = ^E*pase primero por caja*; ^P*faço questão* = ^E*insisto*; ^P*boa sorte!* = ^E*¡suerte!*; ^P*galão* = ^E*café con leche*; ^P*eleições autárquicas* = ^E*elecciones locales*.

A unidade lexicográfica poderá ser uma estrutura holística ou analisável. Assim, podemos encontrar desde estruturas não composicionais como os frasemas, do tipo AB, onde ‘A’+‘B’ = ‘C’, até pares regulares de forma-significando (Pawley & Syder, 1983: 192), de tal modo que AB = ‘A’ + ‘B’¹⁹, passando gradualmente por estruturas intermédias, como as colocações, em que AB = ‘A’ + ‘C’, ou os quase-frasemas, em que AB = ‘A’ + ‘B’ + ‘C’ (por exemplo, ^P*leite gordo*, ^P*ódio mortal*, ^P*cinturão negro*, ^P*dar um passeio*, ^P*ganhar o pão*, ^P*ganhar a vida*, etc.).

Foi com a experiência adquirida na elaboração do dicionário de espanhol/português que se nos evidenciou o carácter não composicional, ou parcialmente não composicional, de muitas unidades significativas. Isto, juntamente com a concepção contextual do significado e o facto de que, como fizemos referência nos dois capítulos anteriores, «las distinciones (entre unidades, categorías, niveles) no poseen un carácter discreto sino gradual y contínuo» (Martí Sánchez, 1998: 84), levou-nos a uma proposta de solução para o problema da delimitação das unidades lexicográficas que passava por retomar a ideia defendida pela psicologia da *Gestalt* de que a totalidade não é, ou não é só, a soma das partes que a compõe e que a análise das partes constitutivas não é suficiente para entender a totalidade.

¹⁸ Outra questão, que aqui deixaremos de lado, será como lematizar tal combinação livre.

¹⁹ Como exemplo deste carácter não absoluto e não discreto das unidades lexicográficas, podemos retomar o exemplo com que abríamos este capítulo, os termos latinos *patruus*, *avunculus*, *matertera* e *amita*. As expressões equivalentes ^P*tio paterno*, ^P*tio materno*, ^P*tia paterna* e ^P*tia materna*, passarão a funcionar como unidades lexicográficas num dicionário bilingue de português/latim.

Referências Bibliográficas

Dicionários:

- ALMEIDA COSTA J. e A. SAMPAIO E MELO: (1994): *Dicionário da Língua Portuguesa da Porto Editora*. 7ª edição, revista e ampliada. Porto: Porto Editora. [aqui: *Porto Editora*].
- AULETE, F. J. Caldas: (1987): *Dicionário da Língua Portuguesa Caldas Aulete*. 5ª edição brasileira, revista, actualizada e aumentada por Hamílcar de Garcia e Antenor Nascentes. Rio de Janeiro: Editora Delta. [aqui: *Caldas Aulete*].
- FERREIRA, A. Buarque de Holanda: (1986): *Novo Dicionário da Língua Portuguesa*. 2ª edição, revista e aumentada, 20ª impressão. Rio de Janeiro: Nova Fronteira. [aqui: Aurélio].
- FIGUEIREDO, C. de: (1982): *Dicionário da Língua Portuguesa*. 16ª Edição. Lisboa: Livraria Bertrand. [aqui: *Cândido*].

Bibliografia geral:

- AGUILAR-AMAT CASTILLO, A. de: (1993): *Las colocaciones de nombre y adjetivo. Un paso hacia una teoría léxico-semántica de la traducción* (tese de doutoramento) [microfichas]. Barcelona: Universitat Autònoma de Barcelona, Servei de Publicacions.
- ALCARAZ VARÓ, E. (1990): *Tres paradigmas de la investigación lingüística*. Alcoy: Marfil.
- ALONSO RAMOS, M.: (1993): *Las Funciones Léxicas en el modelo lexicográfico de I. Mel'chuk* (tese de doutoramento). Madrid: UNED.
- BOSQUE, I.: (1982): «Sobre la teoría de la definición lexicográfica», em *Verba*, 9 (1982), 105-123.
- CALDERÓN CAMPOS, M.: (1994): *Sobre la elaboración de diccionarios monolingües de producción. Las definiciones, los ejemplos y las colocaciones léxicas*. Granada: Universidad de Granada.
- CORPAS PASTOR, G.: (1995): *Un estudio paralelo de los sistemas fraseológicos del inglés y del español*. (tese de doutoramento, Universidad Complutense de Madrid, 1994) [microfichas]. Málaga: Universidad de Málaga (Servicio de publicaciones e intercambio científico). [1994].
- HAENSCH, G., L. WOLF, S. ETTINGER & R. WERNER; (1982): *La lexicografía. De la lingüística teórica a la lexicografía práctica*. Madrid: Gredos.
- HARTMANN, R.R.K.(ed.): (1983): *Lexicography: Principles and Practice*. London: Academic Press.
- HUTCHINS W. J. & H. L. SOMERS: (1995): *Introducción a la traducción automática*. Madrid: Visor. [1992].
- KLARE, J.: (1986): «Le statut des phraséolexèmes dans le cadre d'une lexicologie et d'une lexicographie moderne», em Kremer (1989), 178-187.
- KREMER, D.: (1989): *Actes du XVIII^e Congrès International de Linguistique et de Philologie Romanes. Université de Trèves (Trier), 1986*. Vol. IV. Tübingen: Max Niemeyer Verlag.
- LAKOFF, G.: (1977): «Linguistic Gestalts», em Beach, Fox & Philosoph (eds.) (1977), 236-287.

- LAPA, M. RODRIGUES: (1984): *Estilística da Língua Portuguesa*. Coimbra: Coimbra Editora.
- LYONS, J.: (1995): *Linguistic Semantics. An Introduction*. Cambridge: Cambridge University Press
- MARTÍ SÁNCHEZ, M.: (1998): *En torno a la cientificidad de la lingüística: aspectos diacrónicos y sincrónicos*. Alcalá de Henares (Madrid): Universidad de Alcalá (Servicio de Publicaciones).
- MARTIN, W. J. R., B. P. F. AL & P. J. G. van STERKENBURG: (1983): «On the Processing of a Text Corpus. From Textual Data to Lexicographical Information», em Hartmann (ed.) (1983), 77-87.
- PAWLEY, A. & F. H. SYDER: (1983): «Two Puzzles for Linguistic Theory: Nativelike Selection and Nativelike Fluency.», em Richards & Schmidt (eds.) (1988), 191-226.
- RICHARDS, J. C. & R. W. SCHMIDT (eds.): (1983): *Language and Communication*. London/New York: Longman.
- SAUSSURE, F. de: (1992): *Curso de Linguística Geral*: Lisboa: Dom Quixote [Publicado por Ch. Bally e A. Sechehaye em 1916, versão definitiva em 1922].
- SILVA, A. S. da: (1997): *A Semântica de DEIXAR. Uma Contribuição para a Abordagem Cognitiva em Semântica Lexical*. (Tese de doutoramento). Braga: Universidade Católica Portuguesa-Faculdade de Filosofia de Braga.
- VÁZQUEZ CUESTA, P. e M. A. MENDES DA LUZ (1983): *Gramática da Língua Portuguesa*. Lisboa: Sá da Costa.
- WERNER, R.: (1982a): «Léxico y teoría general del lenguaje», em Haensch *et al.* (eds.) (1982), 21-94.
- WHORF, B. L.: (1958): *Language, Thought and Reality*. New York: Wiley & Sons / London: Chapman & Hall.